



**FACULDADE AGES
CAMPUS LAGARTO
BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

MARIA GABRIELLA OLIVEIRA ANDRADE

**A PROFISSÃO DA ENFERMAGEM E GÊNERO: um contexto
social, comportamental e simbólico a partir de um processo
histórico**

**Lagarto
2022**

MARIA GABRIELLA OLIVEIRA ANDRADE

A PROFISSÃO DA ENFERMAGEM E GÊNERO: um contexto social, comportamental e simbólico a partir de um processo histórico

Monografia apresentada no curso de graduação da Faculdade AGES como um dos pré-requisitos para obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof. Me. Wellington Pereira Rodrigues.

Lagarto
2022

MARIA GABRIELLA OLIVEIRA ANDRADE

A PROFISSÃO DA ENFERMAGEM E GÊNERO: um contexto social, comportamental e simbólico a partir de um processo histórico

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem à Comissão Julgadora designada pelo colegiado do curso de graduação da Faculdade AGES, Campus Lagarto.

Lagarto, ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Wellington Pereira Rodrigues
Faculdade AGES

Prof.
Faculdade AGES

Dedico esse trabalho a minha mãe Talita Oliveira, por todo amor e cuidado ofertado durante
toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me direcionado durante toda a minha caminhada, em específico nas atividades acadêmicas, sendo minha transformação de incentivo e perseverança nessa jornada.

Sou extremamente grata à minha família, que esteve e está comigo durante toda a minha vida, construindo junto comigo toda a minha história dentro da Instituição, em especial a minha mãe Talita, que me trouxe sabedoria e firmeza para não desistir, ao meu irmão Michel, por todo apoio, conselho e força para continuar.

Aos meus tios e tias em especial a Ana, Aristeu e Miriam, minhas primas Carol, Brenda e Alice, meus avós Zeca e Nina.

Aos meus amigos e colegas de curso que foram essenciais para minha evolução e reconhecimento da profissão e adaptação da mesma: Lais, Rebeca, Victória, Ingrid e Nathalia.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu trabalho de conclusão de curso.

Gostaria também de agradecer à Faculdade AGES e a todos os professores do meu curso pela construção do saber aplicado no ensino oferecido e pela busca em trazer humanização e qualidade no atendimento principalmente em campo de estágio.

A enfermagem é uma arte, e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor.

Florence Nightingale.

RESUMO

Introdução: Um gênero pode ser conceituado como uma agregação entre espécies, um grupo de organismos com qualidades semelhantes. O termo gênero é limitado a uma construção orgânica que distingue machos e fêmeas. A enfermagem é uma profissão dominada pelo gênero, visto que a mesma transfere de forma feminizada. Acredita-se então que existe uma relação histórica entre essa força e a enfermagem, que é uma atividade de referência para a profissão (AMORIM, 2019). **Objetivo:** compreender, como já abordado no tema: A profissão da Enfermagem e gênero através de uma análise dos contextos sociais, comportamentais e simbólicos que esses profissionais, seja homens e/ou mulheres se comportam, a partir de um processo histórico. **Metodologia:** Revisão integrativa da literatura, através de uma revisão bibliográfica, por meio da composição da amostragem dos artigos científicos deste presente projeto, que foi escolhida por meio das plataformas: Google Acadêmico e Scientific Eletronic Librany Online (SciELO), visto que coletas de dados dentro desses meios foram realizadas entre os períodos de janeiro de 2021 e maio de 2022, para que se obtivesse coesão e aplicabilidade correta a partir do tema abordado. Algumas palavras chaves foram utilizadas para facilitar na busca e uso dos artigos, como gerência, mulher na enfermagem, liderança, gênero, todas essas encontradas com ajuda da plataforma de Descritores em Ciência e Saúde (DeCS). **Resultados e discussões:** O gênero e a enfermagem foram os fatores marcados nesse processo, em suas constituições, buscou ser organizado de maneira a abarcar todas os processos históricos da evolução da Enfermagem na perspectiva política, social, cultural desses profissionais e indivíduos que ingressaram na profissão. Assim, através de conhecimentos técnicos científicos, bem como o uso de instrumentos que se tenha disponível nesse tema, todos os documentos encontrados de relevância foram utilizados na produção. **Conclusão:** Um grande obstáculo para o desenvolvimento de práticas empresariais é o estereótipo de gênero de que mulheres e homens não têm habilidades iguais, ou que as mulheres, devido ao fraco discurso cultural, não podem assumir cargos de liderança com as mesmas condições de trabalho que o homem tomaria as rédeas. Em suma, as enfermeiras que exercem esta função nas organizações e serviços de saúde têm uma necessidade permanente de provar a sua eficácia, inovação e competências, ainda que restritas à independência e liberdade de escolha.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão. Mulher na Enfermagem. Homem na Enfermagem. Estereótipo. Liderança. Gênero.

ABSTRACT

Introduction: A genus can be conceptualized as an aggregation between species, a group of organisms with similar qualities. The term gender is limited to an organic construct that distinguishes males and females. Nursing is a profession dominated by gender, as it transfers in a feminized way. It is therefore believed that there is a historical relationship between this force and nursing, which is a reference activity for the profession (AMORIM, 2019). **Objective:** to understand, as already discussed in the topic: The Nursing profession and gender through an analysis of the social, behavioral and symbolic contexts that these professionals, whether men and/or women, behave, based on a historical process. **Methodology:** Integrative literature review, through a bibliographic review, through the composition of the sample of scientific articles of this present project, which was chosen through the platforms: Google Scholar and Scientific Electronic Library Online (SciELO), since data collection within these means were carried out between the periods of January 2021 and May 2022, in order to obtain cohesion and correct applicability from the topic addressed. Some keywords were used to facilitate the search and use of articles, such as management, women in nursing, leadership, gender, all of which were found with the help of the Descriptors in Science and Health (DeCS) platform. **Results and discussions:** Gender and nursing were the factors marked in this process, in its constitutions, it sought to be organized in order to encompass all the historical processes of the evolution of Nursing in the political, social, cultural perspective of these professionals and individuals who entered the profession . thus, through scientific technical knowledge, as well as the use of instruments that are available on this topic, all relevant documents found were used in the production. **Conclusion:** A major obstacle to the development of business practices is the gender stereotype that women and men do not have equal skills, or that women, due to weak cultural discourse, cannot assume leadership positions with the same working conditions as the man would take the reins. In short, nurses who perform this role in health organizations and services have a permanent need to prove their effectiveness, innovation and skills, even if restricted to independence and freedom of choice.

KEYWORDS: management. woman in nursing. man in nursing. stereotype. leadership. genre.

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

1: Fotografia da Enfermagem no Brasil: Investir em educação, emprego e liderança, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em conjunto com o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN). Lagarto (SE), 2022.....	25
2: Profissionais de saúde das categorias de Medicina, Enfermagem e Atenção Básica em Saúde, segundo sexo no Brasil. Lagarto (SE), 2022.....	29
3: Pesquisa da Catho, mostra que as empresas pagam menos para mulheres em todos os cargos. Lagarto (SE), 2022.....	31
4: Distribuição da população ocupada, por agrupamento de atividade, segundo o sexo-média das estimativas mensais de 2009. Lagarto (SE), 2022.....	33
5: Rendimento médio relativo por sexo e cargo, 1º trimestre de 2021. Lagarto (SE), 2022.	51

LISTA DE GRÁFICOS

1: Quantitativo de revistas dos estudos agrupados. Lagarto (SE), 2022.....	42
2: Ano de publicação dos artigos. Lagarto (SE), 2022.	50

LISTA DE TABELAS

1: Artigos e teses coletados nos resultados e discussão de acordo com título, autores, ano de publicação, tipo de estudo. Lagarto (SE), 2022.....	40
2: Artigos e teses coletados para elaboração da introdução ao desenvolvimento, de acordo com título, autores, objetivos, objetivo. Lagarto (SE), 2022.	50

LISTA DE SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
DeCs	Descritores em Ciência e Saúde (DeCS).
OMS	Organização Mundial de Saúde
SciELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.2 Metodologia	14
1.2.1 Tipo de pesquisa	14
1.2.2 Amostragem	14
1.2.3 Critérios de inclusão e exclusão	15
1.2.4 Categorização dos estudos	15
1.2.5 Análise de dados	15
2 DESENVOLVIMENTO	17
2.1 A enfermagem e o gênero a partir de um contexto histórico	17
2.2 Perspectiva do gênero feminino e masculino na Enfermagem	22
2.3 Gênero e moral na prática da Enfermagem	27
2.4 O gênero feminino na gerência e liderança da Enfermagem	29
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
4 CONCLUSÃO	55
5 REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	60

1 INTRODUÇÃO

Um gênero pode ser conceituado como uma agregação entre espécies, um grupo de organismos com qualidades semelhantes. O termo gênero é limitado a uma construção orgânica que distingue machos e fêmeas. A enfermagem é uma profissão dominada pelo gênero, visto que a mesma transfere de forma feminizada. Acredita-se então que existe uma relação histórica entre essa força e a enfermagem, que é uma atividade de referência para a profissão (AMORIM, 2019).

Santos *et al.* (2013), explica que na estrutura familiar dos grupos primitivos, a divisão social do trabalho pressupõe que as mulheres são responsáveis por cuidar das crianças, dos idosos e dos doentes. A palavra inglesa nurse é de origem latina, do nome nutrix, que significa "mãe da criação". No entanto, acredita-se que a vantagem das mulheres na enfermagem merece mais exploração porque, de forma subjetiva, apresenta implicações para questões que vão além da relação entre as mulheres e a prestação de cuidados.

A prática de enfermagem atual possui um legado histórico que a torna não linear, paradoxal e decisiva para suas ações e, portanto, precisa ser compreendida. O enfermeiro é um profissional com diversas funções, incluindo prestação direta de cuidados, educação continuada da equipe de enfermagem e gerenciamento de enfermagem. Nossa experiência profissional nos leva a inferir que os enfermeiros coordenam as equipes de enfermagem nas ações inerentes à enfermagem. Sendo a enfermagem uma ocupação predominantemente feminina, concluímos que a gestão de enfermagem também possui essa vantagem. Esse fato nos remete à questão não apenas como trabalhadora, mas como mulher líder. A realidade das mulheres como trabalhadoras ainda está em transição, pois transcende o papel de figuras "familiares" e se projetam em ambientes profissionais (SILVA; PADILHA; BORENSTEIN, 2012).

Dessa maneira, neste caso, como as mulheres gerentes, líderes, coordenam outras mulheres e homens em uma sociedade que ainda é machista? Este trabalho tem como objetivo trazer reflexões a esse respeito ao abordar o gênero feminino na enfermagem e na gerência de enfermagem, num contexto social comportamental. Dessa

forma, a enfermagem segue seu curso, desde suas origens até seu trabalho moderno, concertos que vão além da estratégia e da prática (SANTOS *et al.*, 2013).

A sua abordagem histórica, que mantém uma ligação direta com a história social da profissão, das mulheres e da profissão de enfermagem, foi responsável por alterar o tamanho do cuidado e ampliar o escopo da prática de enfermagem, antes vista como limitada, como procedimentos a serem realizados apenas em hospitais ou instalações femininas. O conceito de gênero torna-se a base para a compreensão da enfermagem no campo da prática, bem como na formação do mesmo (FERREIRA; FIGUEIREDO; ARRUDA, 2013).

1.2 Metodologia

1.2.1 Tipo de pesquisa

Esse trabalho de conclusão de curso para obtenção do título Bacharel em Enfermagem, utilizou enquanto tipo de estudo, uma revisão integrativa da literatura com abordagem, através de uma pesquisa bibliográfica, com levantamento de artigos e obras publicadas sobre a teoria que direciona o trabalho aqui apresentado. O mesmo tem como objetivo sintetizar resultados variados sobre uma determinada problemática ou temática escolhida, podendo então integrar esses dados encontrados para a resolução do questionamento proposto.

1.2.2 Amostragem

As plataformas utilizadas para a confecção do TCC, foram o Google Acadêmico e Scientific Eletronic Librany Online (SciELO), visto que coletas de dados dentro desses meios foram realizadas entre os períodos de janeiro de 2021 e maio de 2022, para que se obtivesse coesão e aplicabilidade correta a partir do tema abordado. Algumas palavras

chaves foram utilizadas para facilitar na busca e uso dos artigos, como gerência, mulher na enfermagem, liderança, gênero, todas essas encontradas com ajuda da plataforma de Descritores em Ciência e Saúde (DeCS).

1.2.3 Critérios de inclusão e exclusão

A utilização dos materiais incluídos na produção do trabalho foram a partir de artigos, livros, no período de 2009 e 2018, todos selecionadas por meio da relevância e adequação com o que foi proposto durante a pesquisa, onde selecionou-se os materiais bibliográficos a partir da avaliação dos títulos e resumos dos artigos encontrados nas bases de dados. Dessa forma, existem materiais que foram excluídos, pois não traziam a importância e coerência devida com os fatos já abordados.

1.2.4 Categorização dos estudos

Os instrumentos de coleta para confecção da monografia foram, artigos científicos, teses e dissertações, todos enquadrados nos requisitos propostos desta pesquisa. A partir das plataformas já citadas anteriormente, as fontes descritas acima foram elencadas e selecionadas de acordo com o objetivo da produção.

1.2.5 Análise de dados

De forma cronológica foram colhidos todos os dados atribuídos no trabalho de conclusão de curso, com a ideia de trazer entendimento e sentido na confecção do mesmo. Para isso, a compreensão acerca do tema citado no texto, que é sobre Gênero

e Enfermagem numa perspectiva histórica, evidencia por meio da cronologia e coerência, as condutas necessárias para melhor entendimento.

Os gráficos, textos, tabelas, que trouxeram a prevalência de mulheres na enfermagem, e respectivamente na gestão da mesma, ajudaram na compreensão detalhada dos fatores trazidos aqui e concluíram as teses e ideias direcionadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A enfermagem e o gênero a partir de um contexto histórico

Ao lado dos papéis públicos de gestão e liderança, as enfermeiras assumiram a própria cidadania, profissionalizaram-se e conquistaram o mercado de trabalho ao acompanharem o movimento de mudança da condição social da mulher no mundo, o que anteriormente era reservado apenas para homens. Porém, por muito tempo, séculos de história a privaram de sua própria subjetividade, visto que, só tinha papel de reconhecimento social, o homem, que obtinha funções de único sujeito relevante. Essa perspectiva tem levado a uma tendência crescente de vincular a análise histórica, política, cultural, educacional e do processo de trabalho da enfermagem às questões da mulher na sociedade, pois as enfermeiras são espelhos da comunidade (BORGES; LIMA; ALMEIDA, 2018).

As questões envolvidas são muitas vezes referidas em qualquer pesquisa relacionada a aspectos de identidade profissional, histórica, de gênero, ou mesmo aquelas que pretendem utilizar o termo em uma enfermeira. A representatividade feminina na Enfermagem possui um contexto histórico e segmenta a profissão por muitos anos. Não somente no Brasil, mas em todo território terrestre, podemos notar a grande relevância da mulher nesse mercado, e esses dados estatísticos são disponibilizados pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEn) e pela Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), onde em 1985, 94,1% dos profissionais de Enfermagem são formados por mulheres. Esses estudos, que vêm sendo realizados, como resultado dessa consideração, além de servirem como plataforma para o desenvolvimento/modificação de políticas sociais em diversos campos que afetam diretamente as mulheres, são importantes para gerar informações sobre elas e sua história. A história da enfermagem tem poucos relatos sobre o cuidado durante a antiguidade. Os serviços de saúde eram

praticados, durante a chamada "unidade cristã", durante o século V, por diáconos, mediadores e filantropos (COLPO; CAMARGO; MATTOS, 2016).

Magalhães *et al.* (2015), explica que a presença significativa de um programa religioso colocado na enfermagem é representada por um trabalho de longo prazo, especialmente ou por maior parte do trabalho constituído por mulheres. Por isso a enfermagem nasceu como um serviço organizado por um centro de instrução divina, acompanhado pelo atendimento de idosos, doentes e crianças, realizado por mulheres.

Seguindo uma rápida retrospectiva histórica, mostramos que, ao longo dos séculos, desde a antiguidade até o presente, homens e mulheres foram constantemente separados. Assim, por vezes, a história concedeu privilégios aos homens, principalmente durante a Idade Média, quando as mulheres eram perseguidas como bruxas, exceto aquelas que deixavam suas famílias e bens para se dedicarem aos pobres e doentes. Os homens sempre foram representados pela sua força física, porém, alguns nomes na antiguidade e nas tradições religiosas, homens que cuidam dos corpos e almas dos pobres e doentes, eram lançados no processo do cuidado, tais como Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, entre outros, que hoje são vistos como santos na religião católica. As mulheres, em resposta à instrução religiosa, como as Irmãs da Caridade, por exemplo, estabeleceram uma tradição de cuidados de enfermagem em hospitais e lares, deixando suas marcas nas carreiras do cuidado para com o outro. Os dois movimentos, ocorridos nesse período, foram fundamentais para iniciar novas reformas nas relações sociais, políticas e estruturais, levando ao processo do capitalismo: a revolução industrial iniciada na Inglaterra e o movimento social, que culminou na Revolução Francesa, trouxeram na sua história outro ponto significativo para construção da mulher na sociedade e como a mesma era vista (NAUDERER; LIMA, 2015).

Com o advento da tecnologia, houve o uso barato de mulheres e crianças, na inserção de trabalho e produção durante a revolução industrial, visto que estas se mantinham no mesmo ritmo de produção que os homens. Essa integração tornou-se necessária na classe trabalhadora, como forma de garantir a sobrevivência do núcleo familiar. No entanto, sob dominação masculina, as mulheres eram mais exploradas, ganhando, em média, menos de 50% dos homens em ocupações semelhantes (SIMÕES; AMÂNCIO, 2014).

O conhecimento científico da época estava centrado no clero. Por outro lado, as informações detidas pela mulher, em relação ao cuidado, foram associadas ao papel da mulher-mãe ou "enfermeira nata", que é sempre a terapeuta e administradora das informações coletadas e repassadas por gerações, de uma para outra. As relações das ordens religiosas foram por muito tempo impostas à enfermagem, em sua exclusividade, atribuída principalmente a feminização e às atividades beneficentes, por isso, diante dessa argumentação, podemos perceber que a enfermagem é vista como caridade, compaixão pelos pobres e doentes e, mais importante, como serviço a Deus. Isso transforma ainda mais a idealização da mulher na enfermagem como símbolo totalmente estereotipado, como um ser angelical (ALMEIDA *et al.*, 2016).

No Brasil do século XIX, quando as mulheres trabalhadoras dividiam seu trabalho diário com os maridos nas indústrias têxtil e/ou cafeeira, as mulheres de classe social mais alta eram aconselhadas a ficarem em casa, sendo excluídas do processo educacional e conseqüentemente trazidas para o desencorajamento. Este era, e em alguns casos ainda é, o modelo burguês padrão, onde os homens têm direito aos serviços domésticos prestados pelas mulheres, que devem permanecer submissas e leais. Da mesma forma, enquanto os filhos de famílias burguesas vão para a Europa para serem educados e assim expostos às novas ideias que vão surgindo, as filhas permanecem alienadas de seu mundo e sua participação no processo permanece limitada. Essa chamada ociosidade ajuda a difundir o modelo de esposa de famílias bem-sucedidas financeiramente, pois ter uma esposa é um privilégio. As mulheres saem para trabalhar indicando pobreza familiar e fracasso do marido. A arrumação da casa torna-se um serviço privado; as mulheres passam a ser as primeiras empregadas, sem o valor agregado de participar da produção social (COSTA *et al.*, 2019).

A redução da prática da enfermagem tem impedido seu uso por pessoas da categoria mais afortunada da comunidade. O destaque do evento foi a presença de uma enfermeira que cresceu em uma posição de destaque inglesa: Florence Nightingale. Com uma educação superior à da maioria dos homens, ela gostava de política, de cuidar e, acima de tudo, da filantropia. Tornou-se destaque na organização e em seus cuidados que retardaram as mortes de soldados na Guerra da Criméia, ocorrida no século XIX (COSTA *et al.*, 2019).

Além disso, uma líder de enfermeiras de várias classes sociais, muitos a viam como uma enfermeira forte e autoritária, pois selecionava enfermeiras de acordo com uma série de procedimentos rigorosos. Essa situação permitiu reverter os aspectos negativos da enfermagem que até então carregavam e possibilitou criar opções de reabilitação ética para as futuras enfermeiras, de modo a atrair a profissão para as áreas mais populares. O desenvolvimento dessas medidas beneficiou o caráter institucional, e continuou a criar um programa de formação de enfermagem chamado Nightingalean (ROTENBERG, 2012).

O programa incentivou a criação de uma identidade profissional de enfermagem, que se vincule a aspectos femininos. Em uma das citações do conceito de enfermagem, chamada Florence, enfatiza que cuidar dos doentes é sempre responsabilidade da mulher e deve ser sempre dela. As escolas do sistema Nightingale selecionavam mulheres jovens, com boa moral, cultura e uma boa família. Autocontrole, obediência e submissão à profissão de enfermagem são considerados como parte inseparável do exercício. Além disso, o casamento e a maternidade não eram permitidos às enfermeiras, para que pudessem se dedicar integralmente a esse trabalho. O ingresso na enfermagem também se tornou uma opção viável para as mulheres que optam por permanecer solteiras. O sistema militar britânico foi amplamente distribuído em todo o mundo. No Brasil, foi fundada no início do século XX, quando os doentes ainda estavam sob os cuidados das Irmãs da Caridade. As medidas de saúde pública, necessárias em um momento em que o Brasil se desenvolvia cada vez mais vigorosamente, foram desenvolvidas pelos militares, o que levou a um ato estabelecido e violento (ROTENBERG, 2012).

Jesus *et al.* (2020), aborda que a enfermagem moderna brasileira nasceu sob o pretexto da higiene no início do século XX, época em que Igreja e a Medicina se uniam para dirigir, regular e equilibrar a atuação da mulher no setor privado, fruto da obediência ao marido e aos médicos. Quebrar a cadeia de transmissão de uma geração para outra não é uma tarefa fácil, mas há momentos na história em que essas tarefas podem ser mais fáceis do que outras. Esses tempos decorrem de grandes problemas, como os que hoje enfrentam as normas sociais, e entre eles, o mito da supremacia masculina contra o feminismo natural.

Como no resto do mundo, no Brasil, o movimento de libertação feminina foi liderado por mulheres, cada uma à sua maneira, à frente das tradições e valores de seu tempo. Uma delas foi Bertha Lutz, que em 1918 assumiu a liderança de um movimento de mulheres no Brasil, lutando pelo direito ao voto das mulheres e pela deficiência social das mulheres casadas. Essa nova prática, tanto na vida pública quanto na privada, permitiu que as mulheres vissem o quão profundamente os valores patriarcais estavam embutidos em seu cotidiano, em seus contextos psicológico, social, científico, econômico e político. O setor da saúde ampliou sua abordagem ao empoderamento das mulheres nos últimos anos, além das atividades normalmente criadas por um grupo de mulheres praticamente completo, por exemplo, enfermagem e serviço social (JESUS *et al.*, 2020).

Gradualmente, houve uma integração gradativa das mulheres em práticas que eram tradicionalmente utilizadas pelos homens, como médicos, dentistas e advogados. A inserção da mulher no mercado de trabalho e político é essencial para sua libertação e é essencial para a sobrevivência, pois é de extrema relevância a inclusão da mulher no trabalho profissional e político, além da seguridade e liberdade de escolha em selecionar o que dito como deveres de casa, e se realmente é dever da mulher, cuidar dos filhos, do lar, do marido e de pessoas vulneráveis, como os idosos, os doentes crônicos e os doentes mentais, somente. Florence Nightingale empoderou o trabalho das mulheres, que foi um sucesso na época; no entanto, o número de enfermeiros do sexo masculino diminuiu. A história mostra, no entanto, que os homens estão envolvidos no cuidado de enfermagem desde os tempos antigos. Ressalta-se também que, na enfermagem, os homens exerceram grande influência ao longo do tempo, seja na instrução religiosa durante a Idade Média, na Primeira Guerra Mundial e da Segunda Guerra Mundial, quando eram necessários enfermeiros, especialmente em hospitais e campos militares (JESUS *et al.*, 2020).

Vale ressaltar que há carência de publicações relacionadas ao trabalho potencializado pelo gênero masculino na enfermagem. Nos artigos que tratam de um tema específico, nota-se que esse fenômeno é relativamente recente, como questões que afetam o atendimento ao paciente/paciente, locais de atuação dos enfermeiros, especialização em profissionalismo, respeito público, enfermagem, e outras questões, ainda carecem de melhor esclarecimento. O "modelo Nightingale" cresceu e deu frutos

no estabelecimento da enfermagem moderna. Florence Nightingale era uma capitalista, uma menina inglesa, solteira a vida toda, criada de uma forma muito especial, uma mulher forte, que foi a fundadora do Corpo de Enfermeiras Laicas, ela viveu 90 anos dedicada à enfermagem. Foi fortemente influenciada pelo puritanismo inglês, caracterizado por fortes valores morais e espirituais, baseados na rigidez e na autodisciplina. Isso resultou em seu autocontrole, resiliência, sentimentos e emoções contidas e um profundo senso de responsabilidade social e humana (COSTA *et al.*, 2019).

Traduzidos até certo ponto pelo "Modelo Nightingale", esses princípios concentram-se nas preocupações pessoais e éticas das estudantes de enfermagem (vestimenta, gestos, hábitos, comportamento etc.). O Boletim Moral reproduzindo o personagem de Nightingale foi utilizado nas escolas de enfermagem e trouxe algumas características surpreendentes relatadas. A primeira era que havia uma preocupação com o cabelo, era vista como um símbolo sexual feminino, então usava-se o cabelo curto, amarrado para trás ou o uso de toucas para esconder o cabelo. A condição das unhas e lábios eram as mais simples possíveis, sem ser pintada, além de impedir a mulher de andar pelas ruas, ficando apenas no hospital. As estudantes de enfermagem não seriam aceitas antes dos 30 anos para casar, visto que configurava uma não opção matrimonial e sexual das mesmas (BANDEIRA; OLIVEIRA, 2020).

2.2 Perspectiva do gênero feminino e masculino na Enfermagem

A escolha do chamado trabalho feminino define o trabalho profissional e o trabalho doméstico, o que confunde as duas esferas, a privada e a pública, o que torna as mulheres menos discriminatórias entre si. Na arena política, desde a década de 1970, ocorreram mudanças significativas na participação das mulheres, seja em outras organizações da sociedade civil, estruturas partidárias ou organizações. No que diz respeito à participação das mulheres nas políticas de saúde, a Conferência Nacional de Saúde e Direitos da Mulher (1986), realizada em Brasília, que resultou na consolidação das conferências estaduais, tornou-se um marco no fortalecimento dos direitos das

mulheres, concluindo que a saúde está relacionada a presença de emprego estável e remunerado. As mudanças precisam ser lentas e árduas para funcionar de forma eficaz, mas cada passo é uma nova vitória. Organizações em todo o mundo que lutam pelos direitos das mulheres, a partir dos anos 60 e 70, tiveram um papel fundamental ao iniciar questionamentos sobre a natureza das relações de gênero e questionamentos profundos sobre o fato de os homens serem globais, dominantes e opressores, enquanto as mulheres são caracterizadas como humildes e oprimidas (CYRINO, 2019).

A Associação Nacional dos Enfermeiros Graduados, fundada em 1926, hoje ABEn, sempre teve um papel muito importante na luta e nas reivindicações dos enfermeiros brasileiros. Essas lutas visavam a valorização do seu trabalho e docência e geraram polêmica em diversos campos, inclusive no governo, especialmente na Secretaria do Trabalho, que apoiou a continuidade da formação dos trabalhadores não qualificados, concedendo-lhes o título de enfermeiro ativo. Talvez essa situação tenha contribuído inicialmente para a paralisação da introdução do termo enfermeiro, já em 1938, com o lançamento do Dia do Enfermeiro, pelo Decreto n (BRITO *et al.*, 2021).

Nesse sentido, o nome é claramente considerado masculino, em um dia que é considerado o mais importante e crucial para os enfermeiros brasileiros e que em sua maioria são compostos do sexo feminino. Por que isso aconteceu? É possível que ao abordar gênero, linguagem, estejamos expressando também conflitos políticos, sociais e psicológicos que aumentam as desigualdades de gênero? Se o uso da linguagem pelos homens não era o desejo ou a luta das enfermeiras, por que elas se submeteram à mudança? seus estudos, o que cria a necessidade de uma revisão da filosofia de seus estudos. Muitas escolas de enfermagem de nível universitário aceitam apenas mulheres como estudantes, e o termo enfermeira foi usado para se referir a esse campo. No entanto, por meio de um vestibular combinado, as portas da Universidade foram abertas para homens que quisessem ingressar em qualquer profissão, inclusive enfermagem (BANDEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Com a entrada dos homens nos cursos de enfermagem, a situação começou a mudar gradativamente. Esses homens passaram a ocupar cargos administrativos e de liderança em estabelecimentos de saúde e organizações profissionais e, o termo enfermeiro passou a ser utilizado na linguagem de trabalho e em textos escritos por

enfermeiros e enfermeiras. As enfermeiras começaram a se autodenominar enfermeiras, os professores se autodenominando professores e os alunos se autodenominando estudantes (CYRINO, 2019).

Gradualmente, desde essa mudança na universidade, a identidade feminina foi sendo transferida para o gênero masculino pelas próprias enfermeiras, como forma de abdicar da responsabilidade pelo desenvolvimento da carreira ou como se não se conhecesse o valor. Muitos enfermeiros consideram que essa era uma época em que o trabalho era pensado como masculino. O primeiro motivo foi que o trabalho feito por homens e mulheres deveria ser direcionado aos homens, de modo a atender às necessidades da língua portuguesa. No entanto, houve uma clara afirmação do conceito de masculinidade histórica, que entra na relação entre mulheres e homens (AMORIM, 2019).

A ideia começou a se espalhar entre os estudiosos brasileiros e as diferenças que procurou enfatizar foram, para muitos de nós, significativas e merecedoras de atenção. Coincidentemente, as percepções de gênero incorporadas desde a infância determinam tanto a escolha de especialistas do sexo feminino quanto a presença de baixa autoestima e declínio da autoestima da enfermeira em relação ao sexo oposto, seja nas relações com médicos, enfermeiros e outros profissionais. As ações das enfermeiras refletem sua convivência para desempenhar o papel tradicional da mulher na simbiose e no trabalho profissional. A desigualdade não é uma condição necessária das sociedades, mas um produto da cultura e, como resultado, pode mudar. A própria percepção da desigualdade de gênero tem diferentes significados em diferentes contextos e mudanças nos campos social e energético, status social e interpretações culturais estão ligadas a essas desigualdades e seus tempos de mudança (AMORIM, 2019).

Essa discussão nos permite questionar qual conteúdo cultural é reduzido ao negar o gênero feminino nos discursos, sempre lembrando que as palavras introduzidas no cotidiano expressam novos significados aos grupos e, conseqüentemente, novas configurações verdadeiras. Uma das principais formas de identidade da enfermagem entre o binômio (enfermeira), sugere que a identidade de gênero, não basicamente o sexo, age e fala como enfermeira, de modo a legitimar a prática como força. No entanto, como a prática é feminina, mantém-se o papel de submissão, apesar do uso do

substantivo masculino. Quase todas as enfermeiras são mulheres e, historicamente, têm sido tratadas com inferioridade, o que parece ter suas raízes na religião. As enfermeiras experimentaram tanto a liberação de seu estresse quanto, ao mesmo tempo, sentiram medo de fazer tratamentos de poder (CAPPELLE *et al.*, 2014).



Figura 1: Fotografia da Enfermagem no Brasil: Investir em educação, emprego e liderança, desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em conjunto com o Conselho Internacional de Enfermeiros (ICN). Lagarto (SE), 2022.

Fonte: World Health Organization, 2020.

Há indícios de mudança social nessas relações de gênero que são consideradas parte do cotidiano, mas sua evolução depende de uma profunda mudança no comportamento da sociedade como um todo. O objetivo é mostrar, de forma positiva, como ocorrem as questões de gênero entre os enfermeiros, destacando aspectos dessa problemática na profissão do indivíduo masculino e feminino, nas relações enfermeiro, enfermeiro/equipe perante a assistência, que permite uma boa prática de mudança ao longo da história. Embora a firmeza ancestral ainda exista, alguns avanços nos papéis femininos e masculinos são evidências que promovem essas transformações da liberdade humana. Essas mudanças provavelmente estão intimamente relacionadas aos

novos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade: funcionárias, chefes de família, pais, enfim, papéis que eram destinados apenas aos homens (NEVES *et al.*, 2011).

Reconhecer a especificidade de diferentes categorias, como classe, raça, gênero e religião, também nos leva a ver e pensar as relações de poder de forma diferente. Portanto, a análise que identifica uma mulher no comando contra um homem forte agora parece ter um grande problema de simplificação. Para poder integrar discursos complexos abrangendo temas como homens e mulheres, brancos, negros, índios, orientais, adultos ou crianças, cristãos/cristãos e muçulmanos, ricos e pobres, também precisa-se pensar em poder como uma rede complexa, em um pensamento que se aproxima das propostas de Foucault (BRITO, 2021).

Precisa-se pensá-la mais como uma prática comum entre os sujeitos e que propõe claramente formas de resistência à competição, do que algo que detém apenas um polo e não existe em outro. Esse pressuposto que inclui a certeza da impossibilidade de uma sociedade sem relações de poder, pode colocar limites às utopias, mas, por outro lado, sugere uma mudança permanente, contínua, imutável, parcial ou permanente. Se as sociedades são construídas e sempre serão compostas por pessoas diferentes, que buscam a igualdade política, suas muitas divisões podem ser causa de intercâmbio, diálogo, solidariedade e conflito (CAPPELLE *et al.*, 2014).

Acredita-se que o objetivo dessa abordagem pode deixar um legado que amplia o alcance das visões da enfermagem, ao considerar os papéis e responsabilidades das mulheres em relação ao gênero e orientação sexual, iluminando antigas ideias sobre status social e enfermagem e fornecendo ideias, junto com discussão de novos assuntos. A inclusão do homem no cuidado de enfermagem, em que o autor faz uma série de afirmações sobre o papel masculino na enfermagem e enfatiza que se deve organizar o trabalho de forma que incorpore ambos os sexos em harmonia, a fim de maximizar seu potencial de cuidado (ZANGARI; BERGARA, 2010).

Entre outros estudos, Zangari e Bergara (2010), identificam que existe a necessidade de políticas de ação afirmativa que incluam as diferenças de gênero e raça no mundo do trabalho e nas universidades, argumentando que a questão da igualdade precisa ser entendida em termos de paradoxo, para que a mesma se efetive em todos os

setores sociais. Qualquer caminho que escolhermos traz implícita a responsabilidade coletiva e passa pela lógica da solidariedade, da justiça e da dignidade humana. Passa, também, pela maior e melhor representação das mulheres, em todos os níveis de tomada de decisões em âmbito nacional e internacional. Sem participação e representação, o conhecimento, as vozes e as experiências de muitas mulheres continuarão a ser negligenciadas. Certamente, o futuro da enfermagem e da saúde dependerá das escolhas coletivas, das escolhas políticas.

2.3 Gênero e moral na prática da Enfermagem

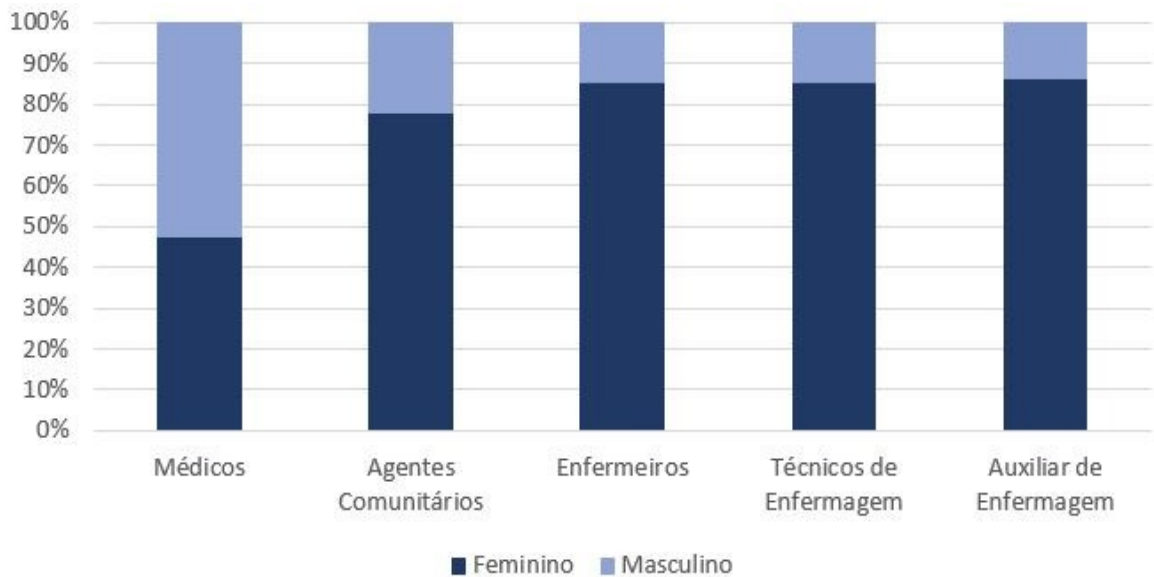
As estruturas fundadoras, tanto no nível literal quanto no figurativo, da sociedade capitalista ainda se baseiam na dinâmica androcêntrica da masculinidade determinada pela classificação de gêneros, tornando-as funcionais de acordo com as qualificações já incluídas. Por meio da orientação sexual, como a conformidade ontológica, e atuando como forma de superego, as formas de segregação social deixam de permear a sociedade humana, o racismo, a exclusão social e a filiação de gênero. Agora, tal sentimento é esconder a realidade de sua existência, não só da enfermeira mulher, mas também de sua identidade profissional e, portanto, reconhecer sua importância como valor social (PARGA *et al.*, 2021)

Para os profissionais de enfermagem, a ocupação ilegal da profissão tanto por parte dos médicos quanto em grande medida na própria área, independentemente de quem sejam, cria situações em que leva a aceitação desse movimento, aumentando a natureza daqueles que o governam. Isso fica evidente nos relatos das enfermeiras conhecidas como "somatização da dominação", em que as enfermeiras, ao mesmo tempo dominadas pelos médicos e a eles filiados, repassam esse domínio coletivo de forma dominante em relação aos demais profissionais de enfermagem, seja técnicos, auxiliares e assim por diante. Portanto, nesses princípios, é importante deixar claro que a sociedade patriarcal ajuda a tecer as esferas do trabalho, a alocar e classificar os sujeitos nas posições mais importantes ou menos adequadas, conforme seu gênero,

como o próprio trabalho, que começa com uma avaliação das qualificações sociais declaradas pela pessoa (SILVA; PADILHA; BORENSTEIN, 2012).

No centro dessas etapas estão as relações de dominação e poder, que são individuais e coletivas perante o trabalho masculino e feminino. Os valores associados promovem o estado das coisas no governo vinculado à informação, ou seja, a idealização de valores e saber. De tal forma, pode-se pensar em uma relação dominante de subordinação ao homem/mulher na profissão física entre médico/enfermeira nas práticas assistenciais. Ainda assim as relações de dominação são repetitivas e crescentes, que ocorrem simultaneamente nas áreas conflituosas de gênero masculino e feminino; em relação às suas especialidades e no que diz respeito às qualificações profissionais, como conhecimentos médicos e de enfermagem, além das questões de práticas profissionais, gestão e cuidado (COLPO; CAMARGO; MATTOS, 2016).

O poder como relação se baseia na boa moral tanto pela aquisição de qualificações e conhecimentos, quanto influenciando as qualificações necessárias dos profissionais de saúde - médicos e enfermeiros - no sentido de alinhar diretamente com os postos de fama, descrições de posições de poder. Essas estruturas passam a ser conceituadas, gerando definições, interpretações que se traduzem nas necessidades de qualificação das mulheres e das qualificações dos homens, autorizando assim a segregação de gênero no setor saúde. Assim, há uma distinta igualdade de masculino e feminino, simbólico e real, que se compõe tanto de relações de poder quanto de relações de conhecimento, que também são produzidas em categorias de espécies. As sequências de gênero podem ser claramente indicadas nas áreas médica e de enfermagem da comunidade (gênero): médico e enfermeira. Quando há uma mudança nestes (masculino - enfermeiro e feminino - médico) a reputação de gênero permanece. O médico é mais valioso do que a enfermeira, não por ser mulher, mas por desempenhar um trabalho historicamente destacado (BRITO *et al.*, 2021).



Fonte: Elaboração própria a partir de IPEA (2020), Atlas do Estado Brasileiro.

Figura 2: Profissionais de saúde das categorias de Medicina, Enfermagem e Atenção Básica em Saúde, segundo sexo no Brasil. Lagarto (SE), 2022.

Nessa perspectiva, é possível compreender como se insere a relação de incompreensão mantida na definição da identidade profissional. Em outras palavras, a enfermagem passa a ser definida e categorizada como profissional, com uma função integrada ao meio intelectual e físico necessários para desempenhar uma função com suas competências específicas, ou seja, um negócio especializado, enquanto em contrapartida também é vista como um trabalho braçal, um serviço particular e restrito, uso extra, e até mesmo trabalho adicional de máquina.

2.4 O gênero feminino na gerência e liderança da Enfermagem

A mulher fazia tarefas relacionadas ao cuidado com a saúde da família, papel que se mantém até hoje e, em nome da unidade e da religião, também se compromete com a saúde pública. A religião está intimamente relacionada com a história da enfermagem.

Em tempos passados, a crença na doença como castigo divino levou os antigos a recorrerem a sacerdotes ou feiticeiros, praticantes de medicina, farmacêuticos e enfermeiros. No entanto, com o colapso do sistema feudal e a perda da liderança da igreja, as religiosas foram substituídas nos hospitais por mulheres consideradas inferiores, que pensavam, entre outros serviços, no cuidado dos doentes, através de pagamentos inferiores aos serviços prestados. O trabalho das mulheres foi gradualmente controlado e ultrapassado devido à falta de ordem das mulheres nos sindicatos, sua cultura de resignação e submissão e a falta de unidade e consciência coesa diante de novas oportunidades. Assim, as trabalhadoras estavam satisfeitas com os baixos e variados salários que recebiam, o que indicava que não podiam se defender de seus aproveitadores. Quanto mais as mulheres faziam parte da vida sindical, mais elas podiam proteger seus interesses e deixar de colocar em risco o da classe trabalhadora como um todo. Apesar de todas essas dificuldades, a transformação do trabalho feminino continuou (DEDECCA; RIBEIRO; ISHII, 2019).

Mas as condições de trabalho não são as mesmas para mulheres e homens. Há uma diferença de carreiras, cargos e salários que, em muitos casos, são inferiores aos dos homens que fazem o mesmo trabalho. Esse problema é causado pela diferença entre o tipo de trabalho e o tamanho da jornada de trabalho, fatores que levam as mulheres a tentar conciliar suas carreiras profissionais com a necessidade financeira para a vida e/ou desenvolvimento familiar, levando a buscar e/ou aceitar empregos temporários (DEDECCA; RIBEIRO; ISHII, 2019).

Desigualdade de salários

Pesquisa da Catho mostra que empresas pagam menos para mulheres em todos os cargos



Figura 3: Pesquisa da Catho, mostra que as empresas pagam menos para mulheres em todos os cargos. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: Catho, 2021.

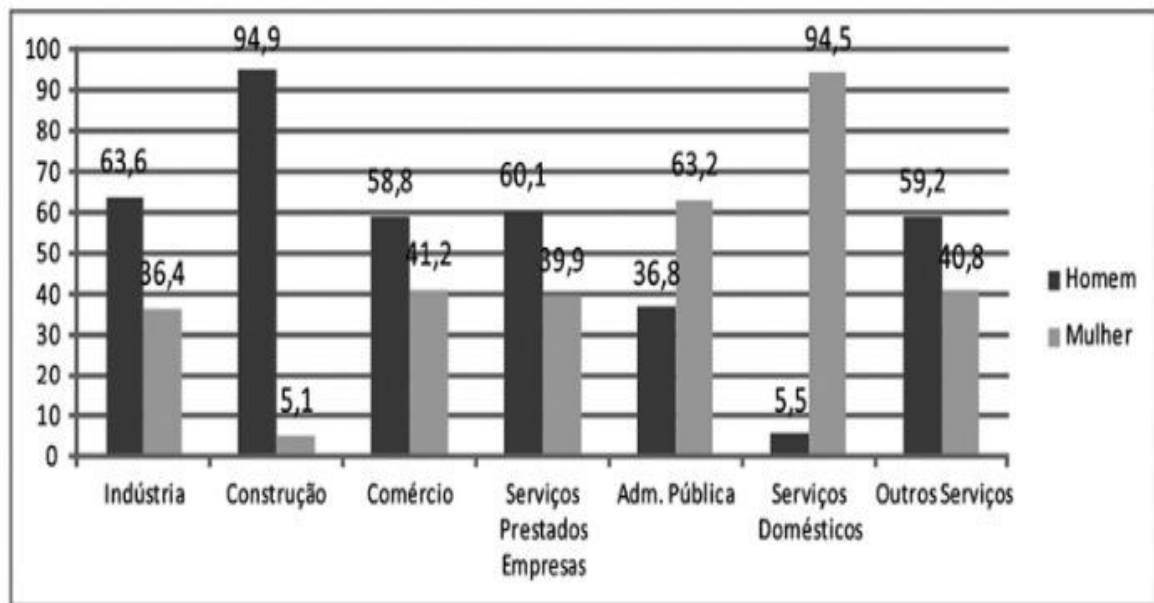
A inserção da mulher no mercado de trabalho provocou grandes mudanças em seu cotidiano por meio de um processo que encontrou um elemento estruturante no mundo atual. Um dos fatores que mais contribuiu para a redefinição do status social da mulher foi o surgimento dos métodos contraceptivos, que têm efeitos profundos nas relações familiares, transformando-se gradativamente em seus relacionamentos, inclusive no que diz respeito à divisão dos deveres de casa e à educação das crianças. No entanto, no Brasil, a entrada das mulheres no mundo do trabalho nas últimas duas décadas não teve o mesmo efeito em todas as mulheres: o trabalho remunerado mostrou mudança significativa no estilo de vida das mulheres com qualificação profissional, que, não só pela expansão do mercado de trabalho, mas também do sistema educacional brasileiro, conseguiram romper com o padrão de desigualdade de gênero da geração de suas mães, que estavam desempregadas por remuneração, mudando assim sua organização familiar (NOGUEIRA, 2016).

Nogueira (2016), diz que as mulheres trabalhadoras concentram-se em verdadeiros guetos de trabalho, separados por status social e nível de escolaridade,

especialmente no campo da educação econômica superior, e, dentro deste, no campo do trabalho doméstico, seus empregos têm pouco ou nenhum status social. Apesar disso, elas têm se envolvido em atividades do ensino médio, principalmente as de gestão natural e empresarial, e à docência e a enfermagem, por suas características femininas, são carreiras preferidas pelos egressos do ensino médio.

No que diz respeito à relação entre escola e colocação no emprego, os autores destacam que as mulheres instruídas são, igualmente, mais integradas no sistema de produção, dependendo do tipo de trabalho bem remunerado que realizam ou da compensação de custos. Necessário para justificar sua ausência de casa. Por outro lado, cabe destacar que a participação da mulher no processo produtivo é definida não apenas pelas condições oferecidas no mercado de trabalho, mas também pela possibilidade de inserção da mulher nesse espaço. Nesse contexto, prevalecem fatores individuais como estado civil, número de filhos, idade e escolaridade, o que, em alguns casos, determina e/ou simplifica/complica sua inclusão no processo produtivo (NOGUEIRA, 2016).

No caso da enfermagem como escolha profissional, ela decorre do fato de ser o trabalho da mulher, do gênero feminino, que inclui a representação social que anda de mãos dadas com as “características” de uma mulher idônea em uma sociedade dominada, tais como: humildade, abnegação, disciplina, castidade, humildade e lar. Então, tratava-se apenas de se livrar da cultura do ready-made, que era mulher, mãe e esposa em um lugar privado cuidando da casa, filhos e marido, em um lugar público: mudança de casa, luxo, hospital, filhos em estudos de enfermagem, pessoas e marido com um médico (NEVES *et al.*, 2011).



Fonte: IBGE (2009).

Figura 4: Distribuição da população ocupada, por agrupamento de atividade, segundo o sexo- média das estimativas mensais de 2009. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: IBGE, 2009.

Neves *et al.* (2011) cita, que o trabalho de enfermagem compreende as atividades relacionadas ao cuidado e à gestão de um espaço, organizadas sob os auspícios de uma divisão parcial ou detalhada do trabalho. Desde a sua criação, a indústria tem sido principalmente subordinada, com assalariados. A profissão está organizada dentro do sistema de produção capitalista e, embora tenha certa autonomia em relação aos demais profissionais de saúde, está subordinada ao gerenciamento das condutas de enfermagem realizadas pelos médicos. Ao discutir algumas profissões de enfermagem no Brasil, nota-se que grande parte do país brasileiro, a enfermagem ainda é limitada, não soberana, submissa a seus patrões, e geralmente querem que ela apenas obedeça a ordens médicas, sem maiores problemas. Além disso, é comum argumentos que citam profissionais que sofreram ordens agressivas, ignoraram outros profissionais e os oprimiram ao empregador.

Segundo Dedecca (2014), a redução da quantidade de trabalho está associada à diferença entre saber e fazer. É assim que a enfermagem, em geral, é vista por outros profissionais de saúde como eles, que têm contato direto com o paciente, o cuidador. O

fato desse campo ser formado por pessoas de todas as classes sociais tem contribuído para que alguns profissionais de saúde nem sempre vejam o enfermeiro como um profissional, uma pessoa científica e, assim, acabam tratando-os sem a devida consideração. No entanto, há outro fator a considerar, relacionado ao gênero, ou seja, que a enfermagem é uma função fundamental da mulher e, nesse sentido, pode haver um declínio no valor desse indivíduo. Trabalhando a questão de gênero na enfermagem, é notório a questão da redução de postos de trabalho, apontando que o fato de a Enfermagem ser o trabalho de muitas mulheres é uma das oportunidades para encontrar sentido e compreensão de sua situação atual. Problemas atrelados ao protagonismo social, poder político, entre outras coisas, o que impossibilita a retirada de questões envolvendo esse trabalho na história das mulheres.

Algumas das responsabilidades do enfermeiro são gerenciar, ou seja, cuidar do paciente, gerenciar a equipe de enfermagem no local de trabalho e gerenciar a equipe de enfermagem. É de suma importância enfatizar que, quando é abordado a administração, fala-se sobre a questão do poder. O conceito de poder está intimamente ligado à liderança, pois um líder tem o poder de influenciar a moral de seus seguidores. Pode-se supor que, inicialmente, a maioria dos homens não é livre para dar às mulheres o poder de tomar as decisões de liderança (DEDECCA, 2014).

Uma mulher, entre outras qualidades, possui uma compreensão profunda, uma visão global, grande flexibilidade e facilidade de comunicação com as pessoas e é dotada de poder de transmissão. Portanto, o modelo de gestão feminina está cada vez mais em cargos políticos ou chefiando cargos administrativos. As competências de gestão não estão associadas apenas ao gênero e conveniência, mas também ao perfil do gestor, em termos de traços de personalidade, comunicação, postura e persuasão. É importante entender também que o gênero afeta questões de credibilidade, pois a sociedade permanece relativamente sexista, mas não é um fator isolado de tomada de decisão (NEVES *et al.*, 2011).

Richter *et al.* (2019), refere que o perfil público sobre questões de gestão de mulheres tende a mudar, pois a transição do papel de membro feminino ativo torna-se irreversível. Mais e mais mulheres estão assumindo papéis de liderança e, mais importante, estrategicamente. A enfermagem, que é um trabalho de tempo integral para

as mulheres, dá a elas a oportunidade de gerenciar, e não são incomuns nos círculos profissionais dúvidas sobre a capacidade de gerenciar das mulheres nessa área. Historicamente, as mulheres têm a responsabilidade de cuidar e por analogia, a maioria tem a responsabilidade de gerir as funções internas no cuidado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível identificar nas bases de dados: Google Acadêmico e Scientific Eletronic Librany Online (SciELO) todos os artigos enviados na produção. Ao todo foram encontrados 128 artigos quando realizada uma primeira seleção, e, mediante a exclusão de duplicidades nas bases de dados, restaram 37 artigos, colocados e referenciados desde a introdução até os resultados e discussão. Sendo colocados 10 artigos para confecção dos resultados e discussão e 27 artigos da introdução ao desenvolvimento.

Após a análise e leitura dos 128 artigos que foram encontrados, foram eliminados aqueles que não atendiam aos objetivos traçados para esse estudo, sendo excluídos 135 artigos que não faziam parte das normas atribuídas, finalizando-se com a inclusão desses 37 artigos visando atender o percurso metodológico adotado pelos estudos de cada produção. Essa etapa do trabalho de conclusão de curso agrupou os artigos selecionados mediante os critérios metodológicos supracitados em um quadro síntese tendo como finalidade organizar os estudos para um melhor entendimento enquanto suas características fundamentais.

A separação do quadro 1: Analítico para amostragem dos 10 artigos selecionados para os resultados e discussões, demonstrado logo abaixo ocorreu mediante a separação do número do artigo autor/ano; título; objetivo e a revista pelo qual o periódico foi publicado. Para resolutividade da pergunta de pesquisa e objetivos propostos para elaboração desta pesquisa, esse processo de resultados e discussões serão divididos em duas etapas.

	TÍTULO E SUBTÍTULO	AUTORES	ANO	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
1.	O cuidado de enfermagem como prática	Backes DS, Erdmann AL, Büscher	2020	Trata-se de uma metodologia originalmente	Compreender o significado do cuidado de

	empreendedor ra: oportunidade s e possibilidade s.	A.		desenvolvida por Glaser e Strauss, com método de investigação qualitativa e indutiva que visa gerar novos conhecimentos a partir dos dados investigados, analisados e comparados, de maneira sistemática e concomitante.	enfermagem como prática social empreendedor a.
2.	Características empreendedoras de enfermeiras: um estudo no sul do Brasil.	Carvalho DP, Vaghetti HH, Dias JS, Rocha LP.	2016	Estudo quantitativo, realizado em um hospital universitário, um hospital filantrópico e na Secretaria de saúde.	Identificar as características empreendedoras de enfermeiras.
3.	Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado	Santos JL, Pestana AL, Guerrero P, Meirelles	2013	Revisão integrativa.	Estudo com objetivo de evidenciar e analisar as

	em enfermagem e saúde: revisão integrativa.	BS, Erdmann AL.			práticas dos enfermeiros na gerência do cuidado descritas na produção científica brasileira e internacional.
4.	Gênero, saúde e enfermagem.	COELHO, E. D. A. C.	2015	Revisão Narrativa.	Trata-se de um ensaio sobre Gênero, Saúde e Enfermagem, tema oficial da 65ª Semana Brasileira de Enfermagem.
5.	O gênero e suas possíveis repercussões na gerência de enfermagem.	DONOSO, M. T. V.	2020	Revisão integrativa da literatura de forma descritiva.	Abordagem sobre as possíveis implicações da questão do gênero feminino na gerência de enfermagem.
6.	Gênero e enfermagem:	PADILHA, M. I. C. S.;	2016	Revisão bibliográfica.	Refletir sobre o gênero na

	uma análise reflexiva.	VAGHETTI, H. H.; BRODERSE N, G.			sociedade em geral, no decorrer dos tempos.
7.	Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional.	PEREIRA, Paulo Fábio.	2018	Pesquisa de cunho qualitativo.	Discute alguns atravessamentos de gênero na escolha, na formação e no exercício profissional de homens enfermeiros.
8.	O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais.	SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva.	2015	Estudo qualitativo.	O objetivo é descrever o cotidiano da mulher-mãe-trabalhadora de enfermagem e analisar a percepção desta profissional em relação ao seu cotidiano tomando como base sua história de vida.

9.	Interfaces da história da enfermagem: uma potencial agenda de pesquisa.	NETO, PEREIRA, A. F.	2016	Revisão integrativa da literatura.	Apresentar, de forma sumária, alguns elementos presentes no debate historiográfico contemporâneo sobre História da Saúde, da Ciência, das Mulheres e das Profissões.
10.	Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros.	PEREIRA, A. V.	2011	Pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória e descritiva.	Objetiva refletir sobre as imagens de enfermeiras e enfermeiros caracterizados ao longo da história a partir de símbolos e rituais que ainda influenciam as relações de gênero.

Tabela 1: Artigos e teses coletados nos resultados e discussão de acordo com título, autores, ano de publicação, tipo de estudo. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: Elaboração própria da autora, 2021.

Como observado pelo gráfico, os estudos de abordagem qualitativa apresentaram maiores números dentro das pesquisas realizadas e utilizadas, nos resultados e discussão, tendo dois artigos de revisão integrativa de literatura, sendo utilizados como abordagem para estudos. A abordagem quantitativa foi a que apresentou menor número, juntamente com a revisão narrativa, integrativa, e bibliográfica, também de abordagem exploratória e descritiva.

A distribuição cronológica dos artigos escolhidos para o estudo evidenciou uma numeração diferenciada, encontrados artigos desde o ano de 2010 até o ano de 2019, visto que não existem estudos recentes referentes ao tema analisado, o que traz o entendimento sobre a falta de interesse num assunto tão relevante, que diz muito sobre a história da profissão. No ano de 2016 foram encontrados três artigos que também se encaixam nos critérios. No ano de 2010 foram selecionados apenas 2 artigos, como também em 2015. Já nos anos de 2013, 2011 e 2018, apenas um artigo encontrado e selecionada em cada ano. Diante das circunstâncias podem ser observadas que há um pequeno material de estudos relacionados ao tema, justificando seus anos de publicações inferiores ao ano de 2019, sendo não aceito para a elaboração do desenvolvimento do presente trabalho devido aos critérios de inclusão e exclusão.



Gráfico 1: Quantitativo de revistas dos estudos agrupados. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: Elaboração própria da autora, 2022.

O Gráfico 1: apresenta as revistas pelos quais os estudos foram selecionados segundo os critérios de qualidade estabelecidos, sendo elas Revista Brasileira de Enfermagem, com o quantitativo de 5 artigos, Revista Baiana de Enfermagem com 2 artigos, Acta Paulista de Enfermagem, com 2 artigos, Escola Anna Nery Revista de Enfermagem com 2 artigos, Revista da Escola de Enfermagem, Caderno Espaço Feminino, Revista de Enfermagem UERJ e Escola de Enfermagem cada uma respectivamente com 1 artigo. totalizando em 15 artigos lidos e analisados criticamente frente os critérios estabelecidos.

Como abordado nos estudos analisados e incluídos, e dos artigos selecionados, é perceptível que em sua maioria existe uma abordagem sobre a transformação da atividade humana, visto que mulheres e homens encontraram coletivamente processos transformacionais que distinguiram as áreas comuns de dominação masculina e/ou feminina. Um ponto válido a ser feito, é que na apresentação de imagens de enfermeiras e enfermeiros surgindo ao longo da história a partir dos símbolos e culturas, é mostrado nas pesquisas que ainda essas questões influenciam as relações entre gênero. Há séculos, uma enfermeira religiosa enxergou esse trabalho.

Atualmente, tanto enfermeiros quanto enfermeiras, do empirismo e das técnicas à ciência, escrevem suas próprias histórias que contribuem para a criação de imagens infundadas e relações entre homem e mulher um pouco diferentes do cotidiano dos serviços de saúde. Mas ainda é presente e claro que ao longo dos anos, tanto enfermeiras quanto enfermeiros vêm carregando imagens discriminatórias e não convencionais que ainda trazem consequências para as práticas profissionais modernas, dificultando suas relações com a equipe de saúde e pacientes/clientes/usuários; além de perpetuar ideias de trabalho distorcidas e incompatíveis com o papel profissional que desenvolveram. A imagem do trabalho pode ser entendida como uma rede de definições e apresentações públicas que trabalham especificamente para uma determinada profissão, que, por meio de um conjunto de conceitos e definições, gera e reproduz ideias incorporadas no cotidiano da arte social, interna e externa, influenciada por acontecimentos históricos, sociais e políticos (PEREIRA, 2011).

É visto também nos artigos selecionados que a participação dos homens na assistência de enfermagem no Brasil surgiu após a criação dos hospitais psiquiátricos, onde a energia era muito mais necessária do que no próprio cuidado. O enfermeiro foi contratado como cuidador, e como perfil ele tinha que ser gentil, humilde e capaz de trabalhar. Com a participação dos homens, os cursos de enfermagem começaram a mudar gradativamente, passaram a ocupar cargos de gestão e liderança nas unidades de saúde, o termo enfermeiro passou a ser utilizado na linguagem de trabalho, ou seja, as enfermeiras começaram a introduzir o nome enfermeiro como autodenominação.

Os relatos levantados após a leitura desses artigos articulam claramente ideias que se referem ao gênero masculino na perspectiva do profissional de enfermagem como uma pessoa que usa o poder ao vincular o sexo masculino a papéis mais relacionados à energia do que ao cuidado. Por outro lado, alguns produtos relatam que tratam o cuidado como um ato inicial ao trabalho da enfermagem, independentemente de gênero, cor e poder aquisitivo, no entanto, enfatiza a sensação de isolamento que separa a desvalorização de saberes da enfermagem em relação ao sexo profissional. Por se tratar de uma obra de personagem feminina, imprime desistências públicas de profissionais do sexo masculino. Para as enfermeiras, do ponto de vista público, essa

desigualdade não a exclui de seu local de trabalho, mas implica uma condição de recato. Fatores como amor e compaixão pareceram ser mais específicos para as mulheres, enquanto que para os homens, força e agilidade mental foram associados como fatores-chave, comparando e distinguindo certos tipos de cuidados sexuais (PEREIRA, 2011). Portanto, a responsabilidade histórica à qual a enfermagem está diretamente ligada continua sendo a responsabilidade de construir saberes e práticas específicas, que estão vinculadas aos sentimentos e comportamentos que são informados e orientados por aspectos éticos, humanos e religiosos (DONOSO, 2020).

A enfermagem como dominada pelas mulheres leva à construção de discursos heterogêneos relacionados ao gênero, o que dita certa competição na enfermagem, pois, segundo o imaginário social, o ambiente hospitalar em que se presta o cuidado aos pacientes não é um lugar masculino, pois é um universo especializado, um universo pensado para as mulheres, pois sua principal característica é o papel de cuidadora. É preciso criar modelos de ensino que acompanhem a valorização das qualificações estabelecidas ao longo da vida, estimulando a reflexão, visando a compreensão e o reforço de novos conceitos, conducentes à transformação dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida pelos indivíduos antes dessa inserção no campo da educação em enfermagem (SANTOS *et al.*, 2013).

A tabela abaixo é a representação dos trabalhos selecionados para confecção da Introdução ao Desenvolvimento desta produção, descritos pelos autores, ano, título e resumo de cada um.

	TÍTULO	AUTORES	OBJETIVO
1.	A questão do gênero no ensinar em enfermagem.	Amorim, R. C.	Tem como objeto entender a maneira como enfermeiras ensinam e prestam o cuidar/cuidado a homens e mulheres.
2.	Representações de gênero e moralidade na	BANDEIRA, L.; OLIVEIRA, E. M.	Este texto é parte de um diálogo travado entre as autoras a partir de duas pesquisas: uma sobre "As

	prática profissional da enfermagem.		ambiguidades profissionais e condições de trabalho e de cidadania das enfermeiras - estudo de caso comparativo entre o Distrito Federal e São Paulo" e a outra sobre "O impacto das condições de trabalho das enfermeiras do Hospital São Paulo em vida sexual e reprodutiva"
3.	Mel com fel: representações sociais do cuidado de enfermagem e cidadania.	Borges, M. S.; Lima, D. & Almeida, A. M. O.	Teve por objetivo conhecer as representações sociais de trabalhadores de enfermagem que exercem suas atividades em âmbito hospitalar no Distrito Federal, acerca do seu trabalho.
4.	Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas.	JESUS, E. S. et al.	Teve como objetivos conhecer e compreender as percepções de um grupo de enfermeiros formados em diferentes décadas, acerca dos preconceitos e formas de enfrentamento, envolvendo a escolha da profissão.
5.	Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da ufba.	PARGA, E. J. et al.	O objetivo desta pesquisa foi identificar estereótipos e preconceitos de gênero em alguns aspectos da vida social (trabalho, comportamento, linguagem e religião), entre estudantes de enfermagem.

6.	Ações empreendedoras em enfermagem: desafios de enfermeiras em posição estratégica de liderança.	Richter SA, Santos EP, Kaiser DE, Capellari C, Ferreira GE.	Conhecer os desafios ao desenvolvimento de ações empreendedoras na perspectiva de enfermeiras em posição estratégica de liderança.
7.	O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo.	COSTA, R. et al.	Refletir sobre os modos pelos quais Florence Nightingale é representada na produção científica de Enfermagem.
8.	Representações sociais de discentes de graduação em enfermagem sobre “ser enfermeiro”.	Brito, A. M. R.; Brito, M. J. M.; Guazzinelli, M. F. C. & Montenegro, L. C.	O objetivo do estudo foi analisar as estruturas das representações sociais sobre “ser enfermeiro” de 430 discentes dos cursos de Enfermagem de cinco Instituições de Ensino Superior privadas de Belo Horizonte-MG.
9.	A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão.	Colpo, J. C.; Camargo, V. C. & Mattos, S. A.	A mídia, em especial a internet, veicula informações que exploram o corpo da enfermeira como objeto sexual, estigmatizando sua imagem. Alguns fatores contribuem com a definição de um estereótipo negativo à enfermagem: seu passado histórico (por ter sido exercida por mulheres marginalizadas como prostitutas, alcoolistas, analfabetas);

			a divisão sexual do trabalho; e sua formação fundamentada nos saberes médicos.
10.	A expressão do gênero nas representações de clientes hospitalizados sobre o cuidar e o cuidado de enfermagem.	Ferreira, M. A.; Figueiredo, N. B. A. & Arruda, A.	Identificar as representações sociais do feminino e do masculino no cuidar e no cuidado hospitalar; e discutir as suas implicações no cuidado de enfermagem.
11.	A identidade masculina e feminina na visão dos profissionais de saúde de um serviço de saúde reprodutiva.	Galastro, E. P. & Fonseca, R. M. G. S.	O objetivo deste estudo foi analisar as representações sociais e gênero que profissionais de um serviço de saúde reprodutiva têm sobre a identidade masculina e feminina.
12.	Profissão e trabalho: reflexões sobre o setor saúde.	Magalhães, Z.; Oliveira, M. E.; Moreira, L. C.; Adamczyk, V. O. & Honório, M.T.	Demarcou-se como conteúdo da reflexão, conceituação, elementos do processo de trabalho, breves histórico e análise sociológica, que estas profissões encerram uma divisão técnica e social com determinação histórica do trabalho, têm papéis preponderantes para o setor.
13.	Gênero e	Simões, J. &	Visa mostrar que a sua condição

	enfermagem: um estudo sobre a minoria masculina.	Amâncio, L.	minoritária não se reflete numa posição profissional desfavorável. Para fundamentar este argumento apresentamos alguns resultados de uma investigação que partiu do modelo da assimetria simbólica nas representações sobre as categorias de sexo.
14.	Imagem da enfermeira: revisão da literatura.	NAUDERER, T. M. & LIMA, M. A. D. S.	Caracterizar e analisar a imagem da enfermeira. Considera-se pequena a produção científica sobre o tema no país.
15.	A imagem da enfermagem, tendo em conta os estereótipos: uma revisão bibliográfica.	SANTOS, C. B. & LUCHESI, L. B.	Levantar na bibliografia reflexões referentes ao tema e discussões quanto às suas origens, com objetivo de buscar conceitos teóricos que possibilitem uma análise crítica da profissão e sua História.
16.	Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. rev lat-am enfermagem 2002.	Silva AL, Padilha MICS, Borenstein MS.	Identificar as dispersões na construção do conhecimento, a partir dos Anais do Congresso Brasileiro de Enfermagem.

17.	Características empreendedoras do futuro enfermeiro.	Ferreira GE, Rozendo CA, Santos RM, Pinto EA, Costa AC, Porto AR.	Teve por objetivo conhecer as características empreendedoras do graduando em enfermagem.
18.	Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas.	Morais JA, Haddad MD, Rossaneis MA, Silva LG.	Teve como objetivo caracterizar as práticas de enfermagem empreendedoras no Estado do Paraná.
19.	Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: um estudo histórico no período de 1935 a 1974.	Almeida DB, Queirós PJ, Silva, GT, Di Carla AL, Sousa SA.	Identificar estereótipos sexistas da enfermagem portuguesa entre o período de 1935 a 1974.
20.	O enfermeiro (a) da pós-modernidade.	ZANGARI, M; BERGARA, J.	Chamar a atenção para os desafios na educação e formação dos profissionais de Enfermagem do século XXI, com base e conceitos de Schön, Tacla e Contreras, propõe novas perspectivas para repensar e reinventar o ensino da Enfermagem.
21.	Uma análise da dinâmica do poder e das relações de	CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; BRITO, M. J. M.; BRITO,	Promover uma discussão de cunho teórico acerca das relações de poder e gênero nas organizações.

	gênero no espaço organizacional.	M. J.	
--	---	-------	--

Tabela 2: Artigos e teses coletados para elaboração da introdução ao desenvolvimento, de acordo com título, autores, objetivos, objetivo. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: Elaboração própria da autora, 2022.



Gráfico 2: Ano de publicação dos artigos. Lagarto (SE), 2022.

Fonte: Elaboração própria da autora, 2022.

Embasado e descrito pelos enunciados propostos pelos dados estatísticos apresentados, é perceptível que o gráfico 2 mostra o ano de publicação de tais artigos, que têm como intuito principal datar de maneira sintetizada os anos de publicações delineadas na estrutura teórica do estudo vigente, apresentando dados brutos e fragmentados representados pelas porcentagens traçadas, percebendo dessa forma que os resultados encontrados enquanto periódicos tiveram a seguinte conformação: 2019 (n=5; x%); 2018 (n=2; x%); 2016 (n=7; 16,7%); 2015 (n=4; 16,7%); 2014 (n=3;

11,1%); 2013 (n=11,1; x%); 2012 (n=11,1; x%); 2011 (n=4; 33,3%); 2010 (n=5; 16,7%);. Os dados apresentam que a maioria dos artigos selecionados trazem desta forma, dados científicos precisos para a elaboração discursiva do exposto estudo.

Em detrimento aos estudos citados acima por, percebe-se que em outro estudo também voltado para as questões de gênero e enfermagem, mostraram que o processo de construção de uma identidade profissional de enfermagem, apesar de mais antigo, formou seus alicerces recentemente. Em todas as pistas aqui relatadas, esta obra, como todas as outras, caracteriza-se pela construção social, política e cultural. A história nos mostra que a enfermagem era uma ocupação importante no mercado de trabalho, que era dominado pelos homens. No entanto, o papel da mulher é considerado secundário, não apenas como espectadora, mas como apoiadora de homens mais velhos que ainda fazem parte da história da humanidade (COELHO, 2015).

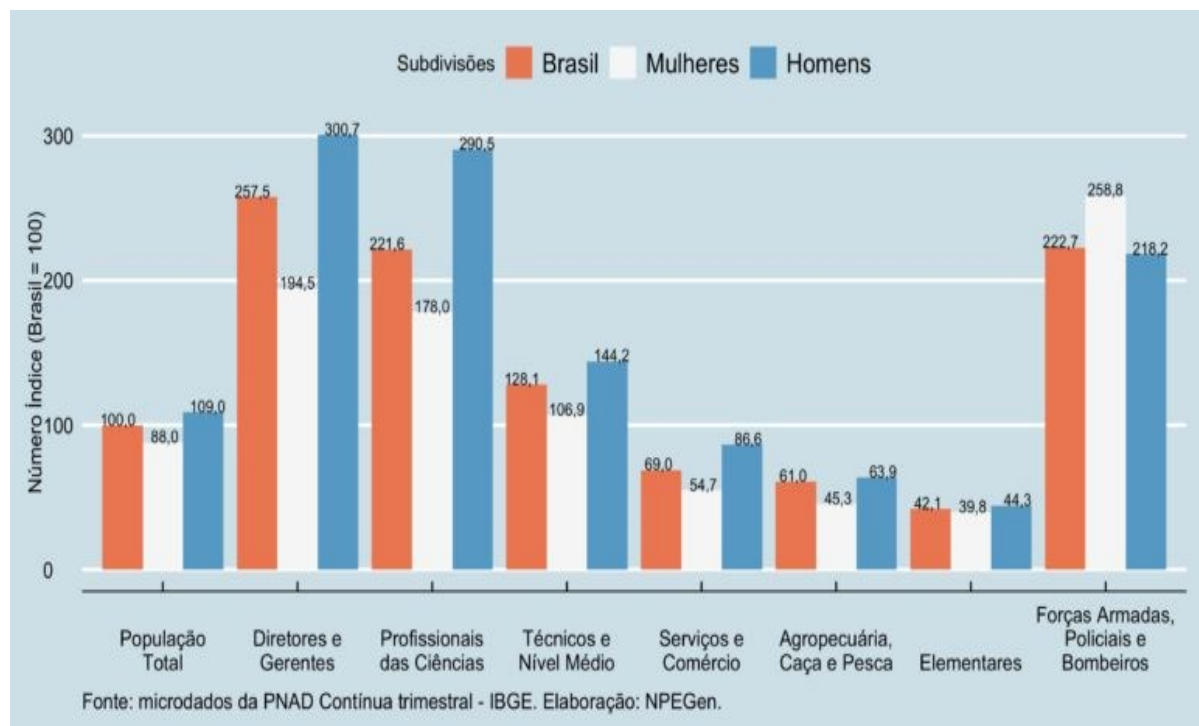


Figura 5: Rendimento médio relativo por sexo e cargo, 1º trimestre de 2021. Lagarto (SE), 2022.
Fonte: IBGE, 2021.

Nessa concepção, e postulando ainda mais os resultados e conclusões propostas, percebe-se que essa especificidade de cuidado atendendo às vertentes

particulares refere-se aos estudos que mostram que em muitos casos as mulheres eram inferiores aos homens, com destaque para o conhecimento dos mesmos. Essa discussão está muito próxima do campo da enfermagem, pois é um espaço amplamente utilizado pelas mulheres desde seus primórdios, e que aparece em segundo plano ou sombra da igreja e das instituições médicas, predominantemente masculina. Séculos depois, a construção da boa moral e da obediência e humildade na enfermagem fez com que, em muitas áreas, o cuidado de enfermagem fosse sustentado pela medicina e pelo pensamento profissional, além de ser considerado até hoje como um lugar feminino, onde as mulheres devem atuar pelos seus dons naturais. Por outro lado, a colocação dos homens sob cuidados deu um passo adiante e encontrou vários obstáculos durante a jornada. Como mencionado, o homem estava imerso em um período de história. Um dos motivos desse conflito de interesses é porque a enfermagem se estabeleceu por meio do uso de "virtudes" e representações culturais vistas como femininas, não permitindo, em alguns casos, a prática "masculina" de suas ações, partindo do pressuposto de que, na verdade o homem realiza apenas atos vinculados as atividades e atribuições masculinas (PEREIRA, 2008).

Outro ponto importante, segundo Backes; Erdmann e Büscher *et al.* (2020), é sobre as muitas lacunas em uma organização de enfermagem baseada na comunidade, visto que os profissionais de enfermagem demonstram paciência, planejamento, diligência, compromisso e direção para o futuro como aspectos essenciais da prática empresarial. No Brasil, os principais aspectos empresariais da enfermagem são eficiência, energia e comprometimento. No entanto, às vezes é difícil aplicá-los, dada a baixa independência desses profissionais. Essa situação precisa ser esclarecida dentro da formação da enfermagem que, apesar de ser muito visitada por mulheres e, independentemente da orientação sexual, busca inspiração no desenvolvimento de iniciativas empresariais nas práticas de gestão.

A visão de que as práticas empresariais precisam ser incentivadas, no âmbito da formação, confirma que se destaca a importância de métodos de ensino que permitam a quebra do pudor e as restrições ao poder, permitindo práticas de enfermagem empreendedoras. Essa visão é reforçada quando os enfermeiros

articulam a necessidade de maior qualificação e aprimoramento para manter sua posição estratégica, sendo importante estimular a inovação, a consideração dos riscos elencados e o trabalho árduo nas práticas que desenvolvem em prol do cuidado e da mudança (CARVALHO *et al.*, 2016).

As enfermeiras enxergam nas pessoas que gerenciam, uma maneira importante de mobilizar recursos de maneira proposital para alcançar resultados idealizados. Quando as mesmas desejam empreender, comprometem-se de forma inspiradora, juntamente com sua equipe, a orientação pela direção empreendedora. Por outro lado, para manter o ímpeto organizacional e espaço para atuação profissional, por vezes, essas mulheres se sentem estagnadas no desenvolvimento da ação empreendedora diante de questões culturais que questionavam suas competências e habilidades, além de profissionais que ocupam cargos gerenciais em uma organização. A maioria das mulheres que enfrentam o cargo de festão são afetados pela discriminação de gênero e dificuldades na criação e implementação de projetos, confirmando que seus líderes diretos muitas vezes lutam para mobilizar o empreendedorismo, apoiando um comportamento que desacredita a capacidade de gestão das mesmas (SPINDOLA; SANTOS, 2015).

As informações sobre a imagem da enfermeira relatadas na literatura, em especial, referem-se à história da Enfermagem como profissão e sua evolução, que está relacionada ao momento da história, principalmente o papel da mulher em cada época. Esses fatores influenciam muito a imagem da enfermeira hoje e, mesmo que ocorram em determinados períodos históricos, são separados por grandes espaços de tempo, misturados no presente, resultando em anacronismos e dificultando ainda mais a definição da identidade profissional da enfermeira. É compreensível que a visão pública da enfermeira tenha impacto no seu desempenho profissional, pois a opinião pública é considerada uma força do bem na determinação da estrutura social e das normas sociais. Portanto, esclarecer a influência das visões religiosas públicas na imagem das enfermeiras pode ajudar a aumentar sua confiança pública. Mais pesquisas precisam ser feitas, em um esforço para melhor articular as questões públicas das enfermeiras e sugerir medidas que possam contribuir para mudar essa realidade (MORAIS *et al.*, 2013).

São muitas as referências que associam enfermeiras a figuras de anjos de branco, santos e freiras, o que pode ser explicado tanto pela cor principal do uniforme ou pela origem da profissão, quanto por virtudes esperadas de freiras e enfermeiras, tais como: obediência, respeito a hierarquia e humildade. As enfermeiras também são vistas como anjos que protegem a vida, muitas vezes se aproximando de super-heróis, não sentem dor, não têm necessidades, horários ou famílias. Atribuída à natureza manual do cuidado direto ao paciente, desvaloriza-se porque as atividades práticas são consideradas secundárias em relação ao trabalho intelectual, típico do médico e fator de desvalorização social. Outro aspecto relacionado envolve os diferentes níveis de formação das equipes assistenciais, e quando esses profissionais participam, a sociedade geralmente não percebe diferenças (VAGHETTI; BRODERSEN, 2016).

A falta de reconhecimento das normas profissionais de enfermagem gera frustração e reduz o desejo de estudantes e profissionais em dar continuidade ao trabalho, facilitando a busca por um dos mais respeitados e valorizados na comunidade. A formação do enfermeiro não contribuiu para a mudança de postura e, conseqüentemente, para a imagem do enfermeiro. O ensino de Enfermagem ainda mantém o conceito de que os enfermeiros devem ser disciplinados e obedientes, sem comprometer suas atividades docentes para o desenvolvimento de uma crise, priorizando os aspectos éticos e morais (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2016).

4 CONCLUSÃO

Lembra-se que, apesar do que se sabe no momento como ocupação importante, a enfermagem ainda é uma ocupação sem valor, ou seja, sem especulação e relevância pública. Considerando que a sociedade brasileira ainda é culturalmente discriminatória, ou pelo menos ainda possui fortes padrões de sexismo, concorda-se quando, nos artigos citados durante a produção do trabalho dizem que as ações e atividades assistenciais de enfermagem não são desprezadas por ser feminino, mas é feminino porque é desprezado. Por isso é importante salientar que quando as mulheres deixarem de ser discriminadas no local de trabalho, tanto em termos salariais como de condições de trabalho, este atributo terá um significado diferente do emprego correspondente, principalmente por ser associado apenas à contribuição da prática médica.

Perante um perfil público sobre questões de gestão de mulheres, essa perspectiva, segundo as publicações citadas e lidas tende a mudar, pois a transformação do papel da mulher, que é parte ativa e atuante, é irreversível. Mais e mais mulheres estão assumindo papéis de liderança e, que de forma estratégica constrói ideias de planejamentos e intervenções frente aos problemas encontrados diariamente. A enfermagem, que é uma profissão de tempo integral para as mulheres atuantes, dá às elas a oportunidade de gerenciar, e não são apenas em apresentar nos círculos profissionais dúvidas sobre a capacidade destas, mas em gerenciar e liderar em todas as áreas. Historicamente, as mulheres têm a responsabilidade de cuidar e dentro de uma analogia, a maioria tem a responsabilidade de gerir e concluir as funções internas no cuidado.

O enfermeiro especialista é visto como flexível e muitas vezes se adapta às mudanças da organização hospitalar, em geral, por falta de limites para sua atuação em campo. Esse fato, associado a fatores como remuneração insuficiente, diminuição da carga de trabalho, maiores custos de possíveis falhas assistenciais e falta de motivação para a formação, podem levá-los a sentirem-se miseráveis no exercício de suas funções.

O perfil do enfermeiro como uma pessoa dedicada, abnegada, observadora, honesta, com sentimentos críticos, como descrito por Florence Nightingale na segunda metade do século XIX, continua sendo visado e acreditado entre os especialistas até

hoje, apesar de reconhecer as limitações da moderna vida, diante da complexidade do sistema e do processo. Por isso, eles se esforçam para desempenhar suas funções de forma a prestar um atendimento ao paciente com base nos princípios de dignidade e respeito a um ser humano.

O trabalho do profissional de enfermagem faz com que vivam diariamente a morte e o sofrimento, a dor dos outros, as necessidades das pessoas e a dificuldade de ajudar, devido às circunstâncias que fazem com que as suas vidas sejam afetadas, de alguma forma, pela história e pelos problemas. daqueles que cuidam, o que resulta na vida emocional conturbada nas vivências diárias.

Um grande obstáculo para o desenvolvimento de práticas empresariais é o estereótipo de gênero de que mulheres e homens não têm habilidades iguais, ou que as mulheres, devido ao fraco discurso cultural, não podem assumir cargos de liderança com as mesmas condições de trabalho que o homem tomaria as rédeas. Em suma, as enfermeiras que exercem esta função nas organizações e serviços de saúde têm uma necessidade permanente de provar a sua eficácia, inovação e competências, ainda que restritas à independência e liberdade de escolha.

Essa difícil situação reforça o tratamento injusto das mulheres, que é o status da sociedade dominante, que coloca a enfermeira como culpada pelos erros que enfrenta e que, ao mesmo tempo em que buscam estimular e engajar-se nisso na busca de atividades complementares no ministério, esbarram em suas ações, refletindo a falta de lealdade relacionada à orientação sexual. Ou seja, é importante que o enfermeiro invista, gradativamente, no desenvolvimento de uma cultura profissional focada no comércio social, especialmente no campo do conhecimento, habilidades e atitudes.

Nesse sentido, enquanto as relações interpessoais são estimulantes e motivadoras, tendo em vista o aparente estado de governança, isso pode resultar em medos e sofrimentos que precisam ser abordados dentro dos princípios éticos do ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D.B *et al.* Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: Um estudo histórico no período de 1935 a 1974. **Esc Anna Nery**. 2016.
- AMORIN, R. C. A questão do gênero no ensinar em enfermagem. **Rev. Enferm. UERJ**, 17 (1), 64-8, 2019.
- BACKES, DS; ERDMANN, AL; BUSCHER, A. O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades. **Acta Paul Enferm**. 2020.
- BANDEIRA, L.; OLIVEIRA, E. M. Representações de gênero e moralidade na prática profissional da enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 51, n. 4, 2020.
- BORGES, M. S.; LIMA, D. & ALMEIDA, A. M. O. Mel com fel: representações sociais do cuidado de enfermagem e cidadania. **Ciências Saúde**, 19 (4), 333-342, 2018.
- BRITO A. M. R.; BRITO, M. J. M.; GUAZINELLI, M. F. C. & MONTENEGRO, L. C. Representações sociais de discentes de graduação em enfermagem sobre “ser enfermeiro”. **Rev Bras Enferm**, 64 (3), 527-35, 2021.
- CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. O. L.; BRITO, M. J. M.; BRITO, M. J. Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **RAE-eletrônica**, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2014.
- CARVALHO, D.P; VAGUETTI, H.H; DIAS, J.S; ROCHA, L.P. Características empreendedoras de enfermeiras: um estudo no sul do Brasil. **Rev Baiana Enferm**. 2016.
- COELHO, E. D. A. C. Gênero, saúde e enfermagem. **Rev. Bras. Enferm**, v. 58, n. 3, 2015.
- COLPO, J. C.; CAMARGO, V. C. & MATTOS, S. A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. **Cogitare Enferm**. 11(1), 67-72, 2016.
- COSTA, R. *et al.* O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto contexto - enferm.**, v. 18, n. 4, 2019.
- CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre o trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 66-92, 2019.
- DEDECCA, C. S. Tempo, trabalho e gênero. In: COSTA, A. A. *et al.* (Org.). **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, 2014.

DEDECCA, C. S.; RIBEIRO, C. S. M. F.; ISHII, F. J. Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 65-90, 2019.

DONOSO, M. T. V. O gênero e suas possíveis repercussões na gerência de enfermagem. **Rev. min. enferm**, v. 4, n. 1/2, 2020.

FERREIRA G.E, *et al.* Características empreendedoras do futuro enfermeiro. **Cogitare Enferm**. 2013.

FERREIRA, M. A.; FIGUEIREDO, N. B. A. & ARRUDA, A. A expressão do gênero nas representações de clientes hospitalizados sobre o cuidar e o cuidado de enfermagem. **Cadernos Saúde Coletiva**, 10 (2), 111-123, 2012.

GALASTRO, E. P. & FONSECA, R. M. G. S. A identidade masculina e feminina na visão dos profissionais de saúde de um serviço de saúde reprodutiva. **REME – Rev. Min. Enf.**, 10 (1), 37-40, 2016.

JESUS, E. S. *et al.* Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Rev. Esc. Enferm.** USP, v. 44, n. 1, 2020.

MAGALHÃES, Z.; OLIVEIRA, M. E.; MOREIRA, L. C.; ADAMCZYK, V. O.; HONORIO, M.T. Profissão e trabalho: reflexões sobre o setor saúde. **Enfermeria Global**. 6, 1-12, 2015.

MORAIS, J.Á *et al.* Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas. **Cogitare Enferm**. 2013.

NAUDERER, T. M. & LIMA, M. A. D. S. Imagem da Enfermeira: revisão da literatura. **Rev. bras. enferm.**, v. 58, n. 1, p. 74-77, 2015.

NETO, PEREIRA, A. F. Interfaces da história da Enfermagem: um potencial agenda de pesquisa. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 10, n. 3, 2016.

NEVES, M. Y. *et al.* Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: uma convocação teórico analítica para estudos sobre a saúde das trabalhadoras da educação. In: MINAYO-GOMEZ, C.; MACHADO, J. M. H.; PENA, P. G. L. (Org.). **Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

NOGUEIRA, C. M. O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução – um estudo das trabalhadoras do telemarketing. São Paulo: **Expressão Popular**, 2016.
PADILHA, M. I. C. S.; VAGHETTI, H. H.; BRODERSEN, G. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. **R Enferm UERJ**, 2016.

PARGA, E. J. *et al.* Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 14, n. 1, 2021.

PEREIRA, A. V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Caderno Espaço Feminino**, v. 24, n. 1, 2011.

PEREIRA, Paulo Fábio. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Programa de Pós Graduação em Enfermagem, 2008.

RICHTER SA, *et al.* Ações empreendedoras em enfermagem: desafios de enfermeiras em posição estratégica de liderança. **Acta Paul Enferm**, 32(1): 46-52, 2019.

ROTENBERG, L. Relações de gênero e gestão dos tempos – a articulação entre o trabalho profissional e doméstico em equipes de enfermagem no Brasil. **Laboreal**, Porto, v. 8, n. 1, p. 72-84, 2012.

SANTOS, C. B. & LUCHESI, L. B. A imagem da enfermagem, tendo em conta os estereótipos: uma revisão bibliográfica. **Em Anais do 8o Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem**, São Paulo, 2012.

SANTOS, J.L; PESTANA, A.L. GUERRERO, P. MEIRELLES, B.S. Erdmann A.L. Práticas de enfermeiros na gerência do cuidado em enfermagem e saúde: revisão integrativa. **Rev Bras Enferm**. 2013.

SILVA, A.L; PADILHA, M.I.C.S; BORENSTEIN, M.S. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev Lat-am Enfermagem**, 2012.

SIMÕES, J. & AMÂNCIO, L. Gênero e enfermagem: Um estudo sobre a minoria masculina. **Sociologia**, (44), 71-81, 2014.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. O trabalho na enfermagem e seu significado para as profissionais. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 58, n. 2, p. 156- 160, abr. 2015.

ZANGARI, M; BERGARA, J. O Enfermeiro (a) da Pós-modernidade. **Saber acadêmico**. N.º 10, Dez, 2010.



Centro Universitário
Lagarto (SE)

TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS.

Anexar documento comprobatório de habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas.

Eu, JOSÉ GONÇALVES SOBRINHO, declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstratc/Resumen/Résumé) referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: **A PROFISSÃO DA ENFERMAGEM E GÊNERO: um contexto social, comportamental e simbólico a partir de um processo histórico**, a ser entregue por MARIA GABRIELLA OLIVEIRA ANDRADE, acadêmico (a) do curso de **ENFERMAGEM**.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Lagarto, 20 de junho de 2022.

Assinatura do revisor



Centro Universitário
Lagarto (SE)

TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, JOSÉ GONÇALVES SOBRINHO, declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulado: **A PROFISSÃO DA ENFERMAGEM E GÊNERO: um contexto social, comportamental e simbólico a partir de um processo histórico**, a ser entregue por MARIA GABRIELLA OLIVEIRA ANDRADE, acadêmico (a) do curso de **ENFERMAGEM**.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Lagarto, 20 de junho de 2022.

A handwritten signature in black ink, reading 'José Gonçalves Sobrinho', written in a cursive style.

Assinatura do revisor



Associação de Ensino e Cultura "Pro Décimo" AEC Ltda.
Faculdade "Pro Décimo"

O Diretor da FACULDADE "PRO DÉCIMO", no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do CURSO de PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA em 05 de janeiro de 2008, confere o título de PEDAGOGO a JOSÉ GONÇALVES SOBRINHO filho(a) de Fernando Gonçalves de Santana e Maria Lígia Rocha nascido(a) em 20 de junho de 1967, no Estado de Sergipe RG 973.758 SSP SE e outorga-lhe o presente DIPLOMA para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Leandro de F. Souza
SECRETÁRIO(A)

Aracaju(SE), 11 de maio de 2009

DIRETOR

José Gonçalves Sobrinho
DIPLOMADO(A)

Prof. José Nogueira dos Santos
Diretor Geral

Reitor da UFRS
Diretor Acadêmico
Processo nº 11050114-EST/1979

CURSO DE PEDAGOGIA

Reconhecido pelo Decreto nº 53.054 de

22 de Janeiro de 1979.

D.O. página 1.063 (seção I, Parte II) de

23 de Janeiro de 1979.

APOSTILA	
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA - ANEC	
FACULDADE "DO DEZEMBRO"	
Credenciamento nº 11050114-EST/1979	
a Habilitação em Pedagogia das Disciplinas	
Pedagogia as 2.ª, 3.ª, 4.ª e 5.ª séries	
Excedente de 100 alunos	
Aprovação: 100%	
Assinatura: <i>[assinatura]</i>	
Prof. Dr. José Nogueira dos Santos	
DIRETOR	

MEC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Diploma registrado sob. n. <u>069</u> livro <u>049</u>	
fls. <u>035</u> em <u>18/09/04</u> processo n. <u>0873104-34</u>	
por delegação de competência do Ministério da Educação nos termos da Portaria MEC/DAU n. 319 de 10/07/69.	
DIRET <u>18/09/2009</u>	
<i>[assinatura]</i>	
Chefe de DIRET/DAA	
Diretor do DAA/PROGRAD	